



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA

PRESIDÊNCIA

DA REPÚBLICA

*Discurso na cerimônia de abertura
do 3º Encontro Nacional de
Municipalização do Turismo*

**CENTRO DE CONVENÇÕES ULYSSES GUIMARÃES, BRASÍLIA, DF, 27
DE NOVEMBRO DE 1997**

Meu caro Ministro Francisco Dornelles, do Turismo; Ministro Weffort, da Cultura; Dona Lila Covas; Senhores Parlamentares; Meu amigo Caio Carvalho, Presidente da Embratur; Doutor Lucas Cardoso – deve ser meu primo –, Prefeito de Bezerros; Senhores Prefeitos, Prefeitas; Senhores Participantes do 3º Encontro Nacional de Municipalização do Turismo; Senhoras e Senhores,

Hoje, pela manhã, eu estava no Palácio do Planalto, numa solenidade na qual nós tínhamos que assinar uns decretos para viabilizar um programa de transporte urbano e, pelas circunstâncias protocolares, cabe a mim sempre falar por último. E é extremamente difícil falar por último sobre matérias das quais eu não entendo. De ônibus, entendo muito pouco. De turismo, talvez um pouco mais, como turista eventual.

Mas, por outro lado, tenho a vantagem de ter aprendido, com os que me antecederam aqui, e com certas coincidências. Estou cercado, aqui,

pelo Ministro da Cultura e pelo Ministro da Indústria e do Comércio. E turismo significa, ao mesmo tempo, civilidade, cultura e, também, intercâmbio e comércio.

Em sentido mais lato, a idéia de viagem, na imaginação da humanidade, sempre foi muito forte. E até, sob certo ponto, o próprio mundo moderno é um mundo que, conceitualmente, em termos das categorias intelectuais, nasceu quando houve uma grande expansão dos meios de transporte.

O Ministro e Professor Weffort, há muitos anos, foi meu aluno. Mui-tíssimos anos. E há de se lembrar das aulas de um outro professor, meu e dele, de quem fui assistente depois, chamado Florestan Fernandes, nas quais nós éramos obrigados a ler sobre os nossos grupos tribais. Principalmente sobre os Tupinambá, que era um grupo que o Florestan Fernandes estudou melhor que ninguém.

E como não existia outra possibilidade melhor para reconstituir o que foi a vida dos Tupinambá, ele lançava mão dos relatos dos viajantes. Alguns, Hans Staden, Claude Lèvi-Strauss, vários de grande importância. Não sei se algum dos senhores já teve a oportunidade de ler alguns desses viajantes.

Houve muitos viajantes. Alguns mais recentes, e um muito importante, chamado Saint-Hilaire, que já foi mais recente, do século XIX, que não lidava com índios, mas com a descrição – primeiro, como o botânico que ele era e, depois, com a descrição de costumes do Brasil. E ali se via aquilo que mais tarde – ou antes, dependendo de a qual autor se esteja fazendo referência –, num autor muito importante, chamado Montesquieu, ficou muito claro que o contato com o outro é a base fundamental do pensamento moderno. A descoberta do outro.

Nos grupos com menos complexidade de civilização, eles se fecham e pensam que o mundo é igual a eles. Quando descobrem o outro, primeiro, há perplexidade – e aí há relatos formidáveis, também, dos primeiros viajantes que por aqui aportaram, a partir de Pero Vaz de Caminha. Mais tarde, viajantes levaram grupos indígenas do Brasil para a França, e há relatos formidáveis da estupefação com que descobriram o outro.

Quando chegamos ao século XVIII, a Montesquieu, ele já formaliza tudo isso e estabelece uma teoria, que é a base da Antropologia, se assim se quiser dizer, e mesmo do intelecto moderno: é o reconhecimento de que cada povo tem a sua cultura, tem a sua base civilizatória, tem suas estruturas, tem suas leis.

E Montesquieu formulou, em *O espírito das leis*, exatamente essa idéia: a cada situação histórico-estrutural corresponde aquilo que é natural, em termos de leis. As leis não são as mesmas, porque elas se referem a estruturas diferentes. É preciso, então, contextualizar cada situação para descobrir por que certas regras valem numas situações e não em outras.

Isso só se descobre quando se conhece o outro. E turismo é isso: é descobrir o outro. Portanto, é ligado ao mundo moderno, desde as próprias origens do pensamento. Claro que ninguém falava em turismo quando vinha aqui – e aí entro na seara do Ministro Dornelles –, em geral vinham para comerciar, em geral vinham para fazer intercâmbio.

E as coisas vão juntas. Ao fazer o intercâmbio, ao conhecer o outro, ao descobrir que existe alguma coisa de diferente, começa-se a estabelecer relações de troca e, ao mesmo tempo, vão se descobrindo conceitos novos. E isso, realmente, são os fundamentos do que dá, digamos, uma estrutura – mais tarde muito desenvolvida – da busca sistemática do conhecimento do outro.

Isso é de uma riqueza extraordinária. E esse outro, como aqui foi dito pelo Doutor Caio Carvalho, não precisa, necessariamente, ser de outro país. Esse é o nosso caso, do Brasil, em que o outro está aqui mesmo. Há uma imensa variedade, que as imagens há pouco apontaram, nesse nosso país, que tem uma riqueza extraordinária não só natural, mas também cultural.

Aqui, o nosso Prefeito de Bezerros mostrou essa diversidade cultural e nos fez um amável convite, que penso que o Ministro Weffort pode ir. O Ministro da Cultura pode ir para o carnaval. Para o Ministro da Indústria e Comércio já fica mais difícil. E o Presidente da República aí, imediatamente... pode, mas é complicado. Sabe Deus o que vão pensar.

Mas, em compensação, se eu não puder ir a Bezerros, posso dizer uma coisa: nesse fim de semana eu estava em São Paulo, em Ibiúna. E,

na minha casa, se mantêm certas tradições democráticas. Estávamos modificando os móveis e coube a mim pregar quadros, coisa para a qual eu sou muito pouco apto. Mas, lá em casa é um pouco como com Dona Lila, a mulher manda, também. Então, eu preguei quadros. E um dos quadros foi do J. Borges, chamava-se *A apanhadora de romã*. Está lá, no quarto que tenho, na minha casa de campo, um pedacinho de Bezerros. Então, fico muito satisfeito pela referência que foi feita. Se eu não for a Bezerros, saibam, pelo menos, que posso olhar para alguém que vem de lá e que é capaz de arte.

Por todas essas razões – eu não quero me estender, já foi dito aqui que tenho outras atividades, e o dia, como quase todos os dias, são muito densos de atividades, para quem vive aqui, em atividade de governo – mas eu não queria deixar também de dizer, além dessas referências gerais, sobre a importância do turismo, quero dizer ainda mais sobre o turismo interno. Quer dizer, essa descoberta do Brasil ainda tem que ser feita.

Anteontem, fui à Guiana Francesa. Então, parei em Macapá. E de Macapá fui a Oiapoque, que fica às margens do rio Oiapoque. E, do outro lado, está uma cidadezinha, que se chama Saint Georges de l'Oyapock. E, voando por ali, o Governador do Amapá e o Senador Sarney tentaram me mostrar – não conseguiram porque havia nuvens – uma região no Amapá que, segundo eles, e acredito, é tão imponente quanto o Pantanal, são lagos e pântanos de uma beleza extraordinária. Eu nunca tinha ouvido falar deste pantanal do Amapá! E está aqui, no Brasil.

Então, nós temos ainda muito que descobrir de nós mesmos aqui, aqui, no Brasil. E a grande força do turismo não é o turismo ao exterior. Em nenhum país é assim. É o turismo interno, é o deslocamento dentro do próprio país, o qual atrai, por sua vez, mais tarde, o turismo externo, porque vai acontecer isso que está sendo dito aqui pelo Ministro Dornelles e pelo Doutor Caio, ou seja, nós estamos construindo hotéis. Como disse o Prefeito de Bezerros, estamos limpando as cidades, estamos combatendo a poluição. Temos que ter saneamento básico, senão não há estrutura adequada para o turismo, ou seja, volta a idéia de que turismo é civilização. E, além do mais, o que no caso é muito oportuno:

nas circunstâncias internacionais e brasileiras, é uma das atividades que mais atrai, que mais necessita de mão-de-obra, mais emprega, mais requer treinamento, como estamos fazendo.

E, por fim – porque, senão, eu enveredo por searas que conheço menos ainda, tenho que me limitar – eu queria dizer que essa forma nova de articulação é fundamental. Hoje, no mundo brasileiro, nada mais poderá ser feito sem uma articulação entre municípios, estados e União. Sozinhos, nós não conseguimos, temos que nos articular. E essa articulação é fundamental na atividade de turismo, como é fundamental nas outras atividades, na saúde, em qualquer outra atividade, ou de educação, é fundamental que haja essa espécie de consórcio que se está dando.

De modo que me apraz muito saber que nós estamos discutindo turismo com uma perspectiva ampla, de apelo civilizatório, de educação mesmo, de conhecimento do outro, de capacidade de aumentar o nosso intercâmbio, de gerar recursos, gerar divisas, fazer investimentos. Mas estamos também, através do turismo, aprendendo a nos articular melhor, de tal maneira que os resultados sejam mais proveitosos e que já não exista mais o pensamento de que basta, aqui, a Embratur tomar uma decisão que as coisas acontecem. Não acontecem. As coisas só acontecem quando têm raízes e, para terem raízes, têm que ter o município, têm que ter o prefeito, a população da cidade, todos motivados. É uma atividade, realmente, de coordenação social.

Por todas essas razões, permito-me terminar dizendo-lhes que foi com muita satisfação que vim aqui, nesta noite, para lhes desejar muita sorte, agradecer o trabalho que tem sido feito e pedir que trabalhem ainda mais.

Muito obrigado.